

Análise psicolinguística e literária do gênero parábola na narrativa bíblica da Moeda perdida

Psycholinguistic and literary analysis of the parable genre
in the biblical narrative of the Lost currency

 Ariane Vitória Paulino de Medeiros

 Matheus Kennedy Henriques de Macêdo

 Silvanna Kelly Gomes de Oliveira

Resumo: O ato de contar histórias acompanha a humanidade há séculos. As narrativas orais desempenham inúmeras funções, entre as quais a de transmitir algum ensinamento, caso das parábolas, narrativas alegóricas muito utilizadas para cunho religioso. Segundo a vertente cristã, Jesus foi um exímio contador de parábolas, utilizando-as como instrumento pedagógico para sua catequese, de modo que as pessoas pudessem compreender sua mensagem. O presente estudo propõe realizar uma análise psicolinguística e literária do gênero parábola na narrativa bíblica da moeda perdida, presente no Evangelho de Lucas 15, 8-10. Para embasar nossos posicionamentos nos valem das contribuições teóricas de Cerqueira e Torga (2013), Junior (2009), entre outros.

Palavras-chave: Parábola. Literatura. Psicologia.

Ariane Vitória Paulino de Medeiros (graduanda do curso de Letras-Português pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)). E-mail: ariane.medeiros@aluno.uepb.edu.br.

Matheus Kennedy Henriques de Macêdo (graduando do curso de Letras-Português pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)). E-mail: matheus.macedo@aluno.uepb.edu.br.

Silvanna Kelly Gomes de Oliveira (Mestra em Literatura (PPGLI/UEPB)). Professora de Literatura (UEPB/ Campus I). Doutora em Literatura pela mesma instituição.

E-mail: silvannakoliveira@gmail.com.




Abstract: The act of telling stories has accompanied humanity for centuries. Oral narratives perform numerous functions, among which is to transmit some teaching, in the case of parables, allegorical narratives widely used for religious purposes. According to the Christian perspective, Jesus was an excellent teller of parables, using them as a pedagogical tool for his catechesis, so that people could understand his message. The present study proposes to carry out a psycholinguistic and literary analysis of the parable genre in the biblical narrative of the lost coin, present in the Gospel of Luke 15, 8-10. To support our positions, we use the theoretical contributions of Cerqueira and Torga (2013), Junior (2009), among others.

Keywords: Parable. Literature. Psychology.

Introdução

O ato de contar histórias acompanha a humanidade há séculos. As narrativas orais, presentes em todos os povos, se constituíram como elementos de sua cultura, da memória dessas pessoas e do seu modo de viver. Por isso, muitas dessas histórias eram, e de certa forma, ainda são transmitidas de gerações para gerações. Contos, lendas, mitos, fábulas, histórias infantis, provérbios e parábolas são alguns dos exemplos de narrativas orais que desempenham inúmeras funções comunicativas: entreter, conhecer/explicar a origem do universo e da vida, transmitir algum conselho, lição ou convencer o interlocutor a acreditar naquilo que se está dizendo.


Conforme assevera Cerqueira & Torga (2013, p. 1), “os povos antigos utilizavam-se de narrações alegóricas para persuadir, instruir ou corrigir, usavam a linguagem literária para possibilitar mudanças em seus ouvintes”. É nessa finalidade que as parábolas se encaixam enquanto “narrativas breves, de caráter proverbial” (idem, p. 6). Na Grécia



Antiga já havia a presença de parábolas tanto na literatura quanto na filosofia, se constituindo como mote de persuadir o ouvinte, segundo o pensamento aristotélico. Apesar de serem contadas oralmente, temos inúmeras parábolas registradas na Bíblia, por exemplo, com destaque especial às parábolas de Jesus, que de acordo com a vertente cristã, foi um dos grandes contadores desse gênero textual, que as utilizava como instrumento pedagógico para sua catequese.

Ao contrário de outros gêneros semelhantes como a fábula, a parábola não traz personagens animais como protagonistas das narrativas, mas sim humanos e o seu ensinamento é velado, implícito nas entrelinhas da narrativa. As parábolas de Jesus refletem o modo de viver e a cultura do povo judeu de seu tempo. “Ambientes domésticos, rurais, urbanos, com pessoas populares, de atividades comuns e conhecidas da época” (CERQUEIRA; TORGA, 2013, p. 7) se constituíam como personagens e espaços dos enredos parabólicos, quase sempre destinados às multidões que o seguiam. Esse dado é fundamental para entendermos a linguagem das parábolas de Jesus: simples e acessível ao entendimento daquele povo, que, em sua maioria, era analfabeto e desprovido de conhecimentos avançados.

Ao falar de Deus como o pai bondoso que acolhe o filho pródigo ou como o semeador que sai aos campos lançando as sementes, ou ainda como o pescador que lança as redes ao mar, por exemplo, Jesus aproxima as realidades divinas do imaginário popular e da vivência das pessoas, povo que vivia da agricultura e da pesca e muito afeito aos laços familiares. “Jesus contou parábolas em diferentes situações, tanto para mostrar um sentido não observado em seu discurso, como para retomar discursos dos seus próprios ouvintes e, assim, ensiná-los; como para defender um ponto de vista cujo sentido poucas pessoas poderiam aceitar” (CERQUEIRA; TORGA, 2013, p. 7).




Diante desse panorama, este ensaio procura realizar uma análise psicolinguística e literária do gênero parábola na narrativa bíblica da moeda perdida, tendo em vista que uma vasta quantidade de obras que constam no cânone literário brasileiro traz em seu repertório narrativas parabólicas, daí a necessidade de estudá-las e analisá-las teórica e estruturalmente. Nesse sentido, a escolha pela parábola da moeda perdida não se deu de forma aleatória, mas sim pela constatação de que esta é uma das poucas histórias de Jesus que sai do ambiente rural e traz personalidades femininas, e também apresenta curta extensão, que se encontra em Lucas 15, 8-10.

Calcados nas contribuições de Cerqueira e Torga (2013), Junior (2009), Oliveira e Oliveira Filho (2016) e demais teóricos, buscamos, para além dos aspectos literários, trazer uma outra visão acerca da parábola mencionada, mais precisamente, um olhar através do viés psicanalítico.

A estrutura narrativa da Parábola da Moeda perdida

Analisar estruturalmente uma dada narrativa não é descrevê-la tal qual a obra se configura, pois desta forma estaremos realizando uma mera paráfrase (TODOROV, 2006). Antes, é preciso detectar quais são as contribuições desta para a sociedade, qual a relação de determinada história com outras já existentes, a denominada “intertextualidade”.

Nesse sentido, para Todorov (2006), há uma distinção entre a análise teórica da narrativa e a análise descritiva. Para o presente trabalho, focamo-nos na arguição teórica da parábola da moeda perdida e as suas possíveis relações com outras áreas do conhecimento, como a Psicanálise, que veremos adiante e suas respectivas contribuições para a Teoria Literária.



À guisa de contextualização, a parábola da moeda perdida, que consta no Novo Testamento da Bíblia cristã, narra a saga de uma mulher, a qual não possui uma identidade explícita, que está à procura de sua moeda desaparecida e, quando a encontra, rapidamente relata para os vizinhos o acontecimento. Nesse sentido, a narrativa se torna atrativa por ser composta por elementos da *vida cotidiana*, outrossim, é através destes *fatos cotidianos*, utilizados com a finalidade de facilitar a compreensão da mensagem por parte dos ouvintes, de forma didática e dinâmica, que Jesus, de acordo com a vertente judaico-cristã, perpassa seus ensinamentos e suas percepções de mundo, de modo a denunciar as injustiças vivenciadas pelo seu povo naquela época (SANOKI, 2013). Segue-se a parábola:

A Parábola da Moeda perdida

8 “Ou, qual é a mulher que, possuindo dez dracmas[a] e, perdendo uma delas, não acende uma candeia, varre a casa e procura atentamente, até encontrá-la? 9 E quando a encontra, reúne suas amigas e vizinhas e diz: ‘Alegrem-se comigo, pois encontrei minha moeda perdida’. 10 Eu lhes digo que, da mesma forma, há alegria na presença dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende” (LUCAS, 15, 8-10).

Neste panorama, pode-se constatar, através da parábola supracitada, que se trata de uma narrativa de curta duração, clara e objetiva, conforme explicita Cerqueira e Torga (2013), com finalidades específicas, tais quais: a de persuadir e trazer novas percepções acerca de algo através da argumentação, como pode-se constatar no seguinte trecho: “10. Eu lhes digo que, da mesma forma, há alegria na presença dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende” (LUCAS, 15, 10). A partir do excerto supracitado, depreende-se que, tal qual a alegria da

mulher ao encontrar sua moeda perdida, é a felicidade do Deus cristão ao receber um “recém-convertido”, um pecador que se arrependeu.

Para os pesquisadores acima citados, para compreender as parábolas, faz-se necessário entender o contexto em que estas estão inseridas, neste caso, a cultura Oriental, mais notoriamente, as práticas judaicas do tempo de Jesus. As histórias eram perpassadas de geração em geração através da oralidade, apesar de já existirem sistemas de escrita que, no entanto, eram reservados aos conhecedores da Lei Mosaica (os chamados Mestres da Lei, fariseus e seus discípulos). A grande maioria da população não tinha acesso a esse meio letrado, inclusive o próprio Jesus. O Messias, segundo a linha de pensamento cristã, para facilitar o ensinamento de seus princípios, utilizava-se das narrativas parabólicas, tendo em vista que estas configuram-se como gênero literário, pois há a presença de personagens, enredo, tempo e espaço (SANT’ANA, 2010, *apud* CERQUEIRA. TORGA, 2013).

No que concerne à caracterização dos personagens, nota-se que a referida “mulher”, citada por Jesus na parábola, não possui identidade, ou seja, não há, em nenhum momento da narrativa a menção de seu verdadeiro nome. Quando tal fato ocorre, comumente classifica-se este personagem como sendo *tipo*, ou seja, sua identificação se dá pela sua respectiva ocupação social, pelo papel que este/a exerce perante a sociedade, conforme as contribuições de Junior (2009).

Quanto ao grau de densidade psicológica da personagem principal, baseados em Júnior(2009), a mulher que procura a sua moeda perdida, trata-se de uma figura cuja personalidade configura-se como plano-redonda, ou seja, a personagem, a princípio, encontra-se em desespero pelo fato de ter perdido seu dracma(moeda da época): “8 “Ou, qual é a mulher que, possuindo dez dracmas[a] e, perdendo uma delas, não acende uma candeia, varre a casa e procura *atentamente*, até en-



contrá-la?” (LUCAS, 15, 8, grifo nosso). Ou seja, ela só se tranquiliza ao encontrar o item perdido e, quando isto ocorre, um sentimento de alegria inunda o comportamento da figura: “*Alegrem-se* comigo, pois encontrei minha moeda perdida” (LUCAS, 15, 9, grifo nosso).

Ainda sobre a não especificação identitária das personagens presentes na narrativa parabólica, isto ocorre como forma de trazer a realidade fictícia da história para a vida cotidiana dos interlocutores, promovendo uma espécie de identificação, por parte dos ouvintes com a realidade vivenciada pelas figuras literárias, o denominado “efeito catártico”, como bem argumenta Aristóteles em “*A Poética*” (2004); com o objetivo de, ao final da parábola, trazer ensinamentos novos e convencer o público alvo acerca de determinada ideia, uma estratégia didática, como bem comenta Gonçalves(2010), em seus estudos sobre as narrativas parabólicas na perspectiva da Análise do Discurso.

Outros teóricos também elucidaram as finalidades pretendidas pelo gênero parábola, em especial, as narradas por Jesus, como é o caso de Fischer[s.d.] *apud* Sanoki, 2013:

De maneira mais simples, a parábola é uma metáfora ou símile extraído da natureza ou da vida cotidiana, prendendo o ouvinte por meio de sua linguagem vivida ou da sua estranheza, e deixando a mente dele com dúvida suficiente sobre a sua aplicação precisa, a fim de estimulá-la a um pensamento ativo” (FISCHER, *The Parables of Jesus apud* SINOKI, 2013, p. 106).

Isso posto, compreende-se que Jesus, na narrativa da moeda perdida, ensinou, através da comparação (figura de linguagem utilizada com frequência nas parábolas), como bem argumenta Sanoki (2013):

A capacidade humana de ver as semelhanças se dá a eficácia da comparação, pois a parábola é baseada na/em conclusão por analogia. Muitas vezes, o *comparationis tertium* não é explícito e deve ser aproveitado pela compreensão e reflexão do ouvinte em si” (SANOKI, 2013, p. 104).

Nesse sentido, ao comparar a moeda a uma pessoa que se perdeu do caminho da salvação perante a doutrina judaico-cristã, a uma ovelha que se perdeu de seu rebanho, como na história parabólica da ovelha perdida, Jesus está pretendendo facilitar a compreensão de suas ideias para seus ouvintes, trazendo ações e personagens da vida cotidiana do povo judeu, de forma pedagógica e dinâmica.

O aspecto psíquico presente na Parábola da Moeda perdida

Com base em Oliveira e Oliveira Filho (2016), que realizaram um estudo de caso de uma paciente que “escondia-se de si mesma”, refugiando-se no trabalho como forma de não encarar suas próprias emoções, fizemos uma comparação entre a parábola da moeda perdida, contida no Evangelho de Lucas 15, 8-10 e o “perder-se de si mesmo”, de não permitir transparecer a própria essência.

A princípio, faz-se necessário definir o conceito de essência. Esta advém do termo latino *essentia*, que, por sua vez, provém das definições gregas que afirmam que a essência nada mais é do que uma característica intrínseca de algo ou alguém.

Neste viés, calcados na filosofia essencialista, a essência precede a própria existência do ser humano, ou seja, já nascemos com tal propriedade a partir do momento em que damos o nosso primeiro suspiro de vida.

Vale salientar que há uma distinção entre a essência e a personalidade. Esta última pode alterar-se ao longo do tempo, de acordo com as influências exteriores, já a primeira é algo que, comumente, não se altera,




pelo fato de ser uma característica intrínseca ao sujeito. As fatalidades que são passíveis de acontecer ocorrem quando o indivíduo tenta modificar a sua essência para se encaixar em determinado lugar, uma espécie de automutilação, tendo em vista que tal característica é parte integrante do ser, tal qual um membro, com a diferença de que “o que essencial é invisível aos olhos” (ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY, 2009).

Traçando uma ponte entre os conceitos supracitados e a parábola em análise, tomemos as nove moedas (dracmas, na cultura judaica), como sendo os bens conquistados por determinado sujeito e todas as suas demais realizações materiais; e a moeda perdida seria o próprio indivíduo e sua subjetividade, sua essência, e esta pode ser interpretada como a escolha da profissão, a religião praticada, a orientação sexual, dentre outros aspectos.

Sabe-se que, na sociedade contemporânea, o “ter” vale mais do que o “ser” e a aceitabilidade perante a civilização é motivo de preocupação por parte das pessoas, como bem elucida Carl Rogers em sua obra “Tornar-se Pessoa”, publicada na segunda metade do século XX, (1960 *apud* OLIVEIRA; OLIVEIRA FILHO, 2016); onde este afirma que os sujeitos possuem a necessidade de serem aceitos e por isso “moldam” seus comportamentos conforme o padrão imposto, ou seja, “mutilam a si mesmos”.

Recapitulando a narrativa parabólica da moeda perdida, esta última seria justamente o “eu individual” de cada ser, com suas características próprias que, por vezes, são reprimidas para atender às expectativas de outrem e isto acarreta um sentimento de vazio existencial. Sendo assim, por mais bens materiais que esta determinada pessoa adquira, nunca alcançará o estado máximo de felicidade, de satisfação pessoal, pois lhe falta o essencial: a liberdade de ser quem é, sem receio algum de exteriorizar tal fato para o mundo.



Ao indivíduo perceber o seu vazio existencial, ao se dar conta de que sua verdadeira essência não é aquela a qual este exterioriza para o mundo, ele “alegra-se”, pois encontrou seu verdadeiro eu, tal qual a mulher da parábola da moeda perdida, que convoca todos ao seu redor para se alegrarem, pois o seu dracma fora encontrado (LUCAS, 15, 10).

Conclusão

A partir dos conteúdos acima expostos, depreende-se que a parábola, mais do que uma narrativa Bíblica de cunho religioso, traz diversas contribuições para inúmeros campos do conhecimento, dentre os quais, pode-se citar: o literário e o psicanalítico, campos estes que abordamos no presente escrito.

Quando abordamos as contribuições literárias da parábola, destacamos as mensagens e proposições que ela abarca dentro de sua estrutura, constituindo-se como modo de transmissão simples e objetiva, com ensinamentos que nos são úteis até os nossos dias. Além disso, as parábolas, em destaque as de Jesus, nos permitem entender como era o cotidiano do povo judeu daquele tempo, suas principais ocupações, o espaço geográfico em que estavam inseridos, suas vivências e aspirações.

No viés psicanalítico, as parábolas nos possibilitam enxergar e analisar o comportamento dos diversos tipos de personagens, que novamente, não são distantes dos comportamentos humanos, embora as narrativas sejam fictícias. Na parábola em questão, a moeda perdida é parte da essência da mulher que se esvai, causando perturbação para ela. Podemos acreditar que esta mulher é humilde, desprovida de grande fortuna, o que justifica a importância de encontrar a moeda que se perdeu e corrobora o seu comportamento. Não nos é distante tal panorama.

Apesar das narrativas parabólicas terem sido transmitidas há séculos atrás, desde a Era Clássica, como bem afirma Cerqueira e Torga (2013) em sua pesquisa, seus ensinamentos se fazem presentes na contemporaneidade e seus conteúdos servem de contribuição teórica para a produção do conhecimento científico. Sendo assim, o estudo das parábolas não se encerra por aqui, mas sim sugerimos que outras investigações possam ser feitas a partir de nossa contribuição acerca destas histórias.

Referências

ARISTÓTELES. *Poética*. Prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira. Tradução e notas de Ana Maria Valente. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2004.

BÍBLIA, N.T. Evangelho segundo Lucas. In: *Nova Bíblia Pastoral*. Trad: FRIZZO, A. C; SCARDELAI, D.; KAEFER, J. A.; do PRADO, L. G. São Paulo: Paulus, 2014, p. 1276.

CERQUEIRA, Aliana Georgia Carvalho; TORGA, Vânia Lúcia Menezes. Uma investigação linguística do estilo no gênero parábola. In: *Revista Linguagem*. 21 ed.; 2013.

CONCEITO DE ESSÊNCIA. Disponível em: <<https://conceito.de/essencia>>. Acesso em 23 de abril, 2022.

FERRAZ, S., et al., orgs. *Deuses em poéticas: estudos de literatura e teologia [online]*. Belém: UEPA; Campina Grande, PB: EDUEPB, 2008. 364 p. ISBN 978-85-7879-010-3. Available from SciELO Books.

GONÇALVES, João Batista Costa. A configuração discursiva do gênero parábola bíblica: entre a captação e a parafraseagem. In: *Veredas on-line – Análise do Discurso – 2/2010*, p.157-166 – PPG Linguística/UFJF – Juiz de Fora, MG - ISSN 1982-2243”, 2010.

FRANCO JÚNIOR, Arnaldo. Operadores de Leitura Narrativa. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia. *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3ed. Maringá, PR: Eduem, 2009. p. 33-58.

OLIVEIRA, Beatriz Acampora e Silva de; OLIVEIRA FILHO, João Batista de. *Psicoterapia existencial humanista: a descoberta de si mesmo*. Disponível em: <<https://conhecendoonline.emnuvens.com.br/revista/article/view/44>>. Acesso em: 17 de maio, 2022.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O pequeno príncipe*. 48 ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009. 91, [2] p.

SANOKI, Koichi. Parábola: um gênero literário. In: *Revista Eletrônica Espaço Teológico*. ISSN 2177-952X. Vol. 7, n. 12, jul/dez, 2013, p. 102-112”, 2013.

TODOROV, Tzvetan. *As Estruturas Narrativas*. PERRONE-MOISÉS, Leyla (trad.). São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 79-80.

Recebido em: 23/02/2022

Aprovado em: 17/9/2022

Licenciado por

